Viver a (e para) aprender: uma intervenção--ação para a promoção do envelhecimento ativo. In: Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v.18, n,2. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<www.scielo.br/pdf/rbgg/v18n2/1809-9823-rbgg-18-02-00405.pdf> Acesso em: 12.jul.2021.

BRINCADEIRAS E CANTIGAS DE RODA

PRISCILA APARECIDA PEREIRA DE PAULA

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa bibliográfica que teve como foco central a interação entre a atividade lúdica e a prática educativa em relação a importância da música, cantigas e brincadeiras de roda nas escolas de Ensino Fundamental. Propõe resgatar das cantigas de roda no ambiente escolar como instrumento didático pedagógico, considerando este, como um elemento importante para o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças. Faz análise de algumas cantigas, identificando algumas possibilidades de utilização nas atividades curriculares da escola, nas brincadeiras educativas, além de proporcionar o resgate cultural através da história, sendo relacionadas com as teorias educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Cantigas; Brincadeiras; Músicas; Educação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca resgatar para o ambiente escolar, as cantigas de roda, promovendo o encontro do contexto histórico e cultural das crianças com a infância dos seus pais, na qual essas brincadeiras se faziam presentes.

Com o ato de brincar e se divertir, a criança aprende, descobre o mundo a sua volta a se relacionar com os colegas. Desse modo é papel da escola garantir espaço apropriado para atividades lúdicas, tanto dentro da sala como ao ar livre.

Martins (2003, p. 181) diz que: “a criança vive mergulhada num ambiente sonoro. Ainda bebê, brinca com os sons. A sua comunicação é lúdica". Assim percebe-se que a criança inicia sua aprendizagem através das brincadeiras, pelas canções de ninar da sua mãe e as músicas infantis.

Durante o seu desenvolvimento, a criança tem sido afastada deste contexto de aprendizagem, tendo em vista o fácil acesso às brincadeiras totalmente tecnológicas, pelo computador e brinquedos eletrônicos.

A escola vem trabalhando seus conteúdos com o auxílio das novas tecnologias, com base no crescente número de crianças que passam a maior parte do tempo em frente ao computador e à televisão, esquecendo-se de fazer o que fazem de melhor, ou seja, brincar.

Contudo, considerando que a escola busca novos modelos pedagógicos para melhor alcançar seus objetivos de aprendizagem, assim o estudo em questão sugere o resgate das cantigas como auxilio de interação através das brincadeiras, conforme Macedo, Pett & Passos (2005, p.13), “o brincar é fundamental para o desenvolvimento e é a principal atividade das crian-

ças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência."

Então, de acordo com Bassedas (2005), deve-se potenciar e favorecer o desenvolvimento máximo de todas as capacidades, respeitando a diversidade e as possibilidades nos diferentes alunos.

Nesse caso, utilizando-se do lúdico através das cantigas de roda, as crianças alcançarão suas capacidades particulares e individuais, conhecendo sua cultura, interagindo, aceitando e respeitando as diferenças individuais.

A relação da escola com a brincadeira, apontando como esta favorece no desenvolvimento da aprendizagem na educação formal.

A cantiga de roda como brincadeira lúdica e criativa, importante para o aprendizado, ao mesmo tempo em que favorece o resgate da cultura popular para o ambiente escolar.

A música é um fator determinante na personalidade do indivíduo, uma forma de expressão social e cultural, contudo pouco valorizada. É sem dúvida, uma das mais valiosas formas de expressão da humanidade, portanto percebemos que vem perdendo espaço dentro da escola. Acreditamos que é necessário fazer alguma coisa. Mas o quê? Como resgatar a importância da música no desenvolvimento da criança? Por que a música não é tão valorizada nos tempos atuais? Como despertar no aluno o gosto pela música? Por que não utilizar a música na alfabetização? Isso sem falar que a música atrai e envolve os alunos, serve de motivação, eleva a autoestima, estimula diferentes áreas do cérebro, aumenta a sensibilidade, a criatividade, a capacidade de concentração e fixação de dados. Na sala de aula, a música é uma verdadeira aliada dos educadores. É na escola que devemos oferecer as opções de desenvolvimento para alfabetização dos alunos.

1) A BRINCADEIRA E A ESCOLA: uma relação educativa

Ao falar em escola, remete-se o pensamento direto para a educação, considerando que o ambiente de ensino é o principal responsável pela criação de atitude crítica dos indivíduos cidadãos.

Enquanto se pensa na formação de cidadãos dentro da escola, torna-se de fundamental importância a identidade cultural de cada aluno, respeitando resgatando suas particularidades.

Quanto a esta questão, segundo Paulo Freire (1996, p.42) "A questão da identidade cultural, de que fazem parte à dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa".

O respeito é importante tanto quanto a valorização da cultura individual, pois esta se faz presente na vida dos alunos e os ajuda a se encontrarem como sujeitos históricos que criam e recriam sempre uma nova história.

Vale ressaltar também que as aprendizagens acontecem em atividades e experiências informais. Para tanto é que se faz importante o uso das brincadeiras, especialmente as que fazem partem do repertório cultural da classe.

Dessa forma, os significados são alcançados através do lúdico, em diversos ambientes e mesmo em salas de aula que

muitas vezes são organizadas fora do padrão, de forma natural no convívio e experiência com outras pessoas adultas ou crianças.

Quando se ouve falar em lúdico (jogo), as pessoas tendem a associar vários significados como: brincadeira, passatempo, descanso, prazer, entre outros.

Alguns teóricos acreditam que o ato lúdico é tão antigo quanto o próprio homem, pois este sempre teve uma tendência lúdica, isto é, um impulso para o jogo, para a brincadeira.

Não é de hoje que o lúdico aliou-se à educação como forma de instrumentalizá-la visando um melhor desempenho dos alunos no processo educativo. Segundo alguns autores, ele foi visto durante muito tempo como atividade não séria. Isso se repercutiu no âmbito educacional, levando a pedagogia tradicional a pensar que o mesmo era vazio de significado. Sendo assim, pensa-se que as brincadeiras ensinam tanto quanto atividades formais, pois estão repletas de significados e expressões de significado sobre a vida, colocando-a em transformação constante a partir das interpretações pelos participantes.

É assim que a criança está permanentemente aberta à curiosidade. Seu comportamento e interesse pelo que a rodeia a mobiliza a investigar. Por isso, o conteúdo dessa pesquisa pode parecer curioso para alguns, pois se fala das músicas, Cantigas e Brincadeiras de roda nos dias de hoje. Em tempos, que estas manifestações da cultura popular espontânea estão com o seu espaço tão diminuído. Nas ruas, nas praças, nos quintais está mais raro de se ver ou ouvir-se das bocas infantis aquelas canções que, na simplicidade das suas melodias ritmos e palavras, guardam séculos de sabedoria e a sua riqueza condensada do imaginário popular. Resgatar brincadeiras de rodas cantadas nas escolas e apresentar novas brincadeiras adaptadas a estas cantigas, como por exemplo:



A galinha do vizinho Bota ovo amarelinho.

Bota um, bota dois, bota três, Bota quatro, bota cinco, bota seis, Bota sete, bota oito, bota nove, Bota dez!

Brincando:

Com ela, a turminha vai aprender a contar. Participantes: No mínimo dois.

Organização: Em roda.

Como brincar: As crianças cantam música e ao chegar ao número dez dão um pulo e se agacham.



Brincadeira:

Material: uma pedrinha para cada criança ou qualquer outro objeto pequeno. Participantes: No mínimo dois.

Organização em círculo, sentados no chão.

Como brincar: cada um coloca na frente do colega, sentado à sua direita; nos versos "tira, põe/ deixa ficar!", todas tiram a pedrinha da frente do colega, colocam na sua frente e a deixam ali por alguns segundos. "Quando cantam "guerreiros com guerreiros", as crianças retomam os movimentos até o verso" fazem zigue – zaguezá!" Nesse momento, os participantes seguram a pedra movimentando-a de lá para cá e deixando-a, por fim, na frente do colega.

Porém, se as cantigas e brincadeiras de roda não estão em alta, também não estão extintas. E configurando uma situação contraste e quase contraditória, é certo que muitas vezes tendo partes omitidas ou formas esquecidas e transformadas, elas sobrevivem à era do computador.

Talvez como um reflexo da busca do contato com a expressão genuína e ancestral que é, em última instância, insubstituível.

A escolha desse tema surgiu da necessidade de se resgatar o assunto músicas, jogos e brincadeiras infantis não apenas como simples entretenimento, mas como atividades que possibilite a aprendizagem de várias habilidades, fator fundamental ao desenvolvimento das aptidões físicas e mentais da criança.

Assim, consideram-se as "Cantigas e Brincadeiras de roda" a partir de suas características musicais, poéticas, lúdicas e a sua singularidade enquanto manifestações folclóricas, um processo relacionado à cultura e tradição.

Nesse sentido, este trabalho espera ser útil para os profissionais envolvidos com a Educação Infantil, pois, a educação musical está fazendo parte da educação das crianças, pela importância que a música traz não só como entretenimento, mas no auxílio do aprendizado, como o de aprender a ouvir e na coordenação motora. A música tem ainda, o dom de aproximar as pessoas. A criança que vive em contato com a música aprende a conviver melhor com as outras crianças e estabelece um meio de se comunicar muito mais harmonioso do que aquela que é privada da música.

Sabe-se que nos primeiros anos escolares, as crianças iniciam o processo de aprendizagem, sendo que a princípio, esse ensinamento advém pelas brincadeiras ou atividades lúdicas, nessa concepção, para Macedo, Petty & Passos (2005, p.14).

A brincadeira é uma necessidade da criança, o jogo, uma de suas possibilidades à medida que nos tornamos mais velhos.

O brincar é agradável por si mesmo para todas as idades. Para crianças o brincar representa a vida dos adultos que o cercam, fazendo imitações que significam muito no desenvolvimento cognitivo.

A educação, segundo Edgar Morin "pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensina a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas" (MORIN, 2004, p. 11).

Se a escola é a responsável por proporcionar a educação que, de acordo com Morim, ensina a vida em sua poesia, nada

melhor que esta seja realizada através das brincadeiras com todo o seu contexto lúdico e cultural.

Mesmo a brincadeira sendo uma atividade lúdica, é indispensável desfazer o mal entendido de que o "lúdico significa necessariamente algo agradável na perspectiva daquele que realiza a atividade". (MACEDO, PETTY & PASSOS. 2005 p. 15).

É preciso que essa atividade seja vista como fundamental para a aprendizagem das crianças, pois nas brincadeiras, ela representa o mundo real.

Os grandes teóricos como Piaget e Vygotsky, também concordam que o jogo (o brincar) desenvolve várias habilidades na criança, na medida em que ela brinca, evolui e se modifica, mas são diferentes as opiniões quando se trata do processo de evolução da brincadeira.

Piaget em seu estudo diz que:

A criança desenvolve em diferentes faixas etárias os jogos, por exemplo: O sensório-motor, que se desenvolve na faixa etária de 0 a 2 anos; a criança apenas desenvolve exercícios motores, repetição de gestos e movimentos simples, depois vem o jogo simbólico, na idade entre 2 a 7 anos. Nessa fase a criança imita, imagina, representa; é o transporte ao mundo do faz de conta, e por último o jogo de regra, é nesse jogo que a criança substitui o simbolismo pela regra; ocorre entre 7 a 12 anos, e é durante o desenvolvimento desse jogo que a criança deixa o egocentrismo e passa a ser mais social (PIAGET apud RIZZI, 1993, p. 11).

Para Piaget, cada período é caracterizado por aquilo que de melhor a criança pode fazer, de acordo com a sua idade, porém o desenvolvimento de cada período vai depender de fatores biológicos, educacionais e sociais.

Ainda pensando na perspectiva de Piaget é necessário considerar que nem todas as crianças terão o mesmo desenvolvimento, as mesmas têm histórico sociocultural diferente, o que faz com que este artigo discorde de suas determinações.

Para Vygotsky: "As primeiras brincadeiras surgem a partir da necessidade de dominar o mundo dos objetos humanos. E é nas brincadeiras em grupo que elas tomam consciência que existem regras" (VIGOTSKY apud FONTANA, 1997, p. 135).

Dessa forma, a brincadeira desenvolve-se na criança a partir da necessidade e das relações sociais. Foram principalmente as contribuições desses dois autores citados, entre outros, que ajudaram a introduzir o lúdico como recurso pedagógico à escola, pois ambos reconheceram que a criança ao brincar se desenvolve. Assim sendo, a brincadeira deve ser vista pelos educadores como meio educacional, ou seja, como instrumento de trabalho e como um meio para atingir os objetivos de aprendizagem preestabelecidos.

Aos profissionais da educação, cabe a empreitada de mostrar aos pais e aos outros interessados, que as crianças estão aprendendo por meio do brincar no ambiente escolar, longe de ser um simples "brincar por brincar". Para Moyles (2007, p.16): "(...) o brincar é uma maneira não-ameaçadora de manejarmos novas aprendizagens mantendo, ao mesmo tempo, nossa autoestima e autoimagem (...)".

Sendo assim, esse ato além de educar, leva a criança a um nível maior de

aprendizagem, o de si mesma, consequentemente terá mais capacidade de conhecer o mundo que a cerca. Para Holt:

Embora dos maiores atributos do brincar seja as oportunidades que ele possibilita de aprendermos a viver com o não saber, pois todos reconhecemos prontamente que aprendemos mais efetivamente por meio de tentativa e erro (Holt in Moyles, 1991, p 16).

Assim, acontece a relação educativa entre a brincadeira e a escola, pois a criança tem mais chance de perceber a forma de acertar se o seu erro não for tratado com repreensão, e com o ato de brincar não se cobrar a postura, apenas do acerto, mas o erro também vem a somar no crescimento, pois quando esse é percebido passa a ser evitado, acarretando no aprendizado.

Para que se alcance o objetivo desejado, é necessário, portanto, que os adultos incentivem as crianças durante sua participação. Que essas brincadeiras sejam planejadas adequadamente com início, meio e fim, com foco principal nos que estão brincando.

Retomando a atividade lúdica presente na vida da criança, acredita-se que resulta numa forma mais prática de transmitir o aprendizado, com isso, cabe a pedagogia encontrar meios de utilizar esse recurso para se trabalhar em sala de aula, pois a brincadeira não deve ser vista apenas como passatempo, mas como uma forma de auxilio no desenvolvimento individual e coletivo dos alunos.

Com o uso da catinga de roda, a criança tem a oportunidade de exercitar uma atividade tão presente na vida de seus pais, provavelmente, terão mais capacidade de conhecer o legado cultural e de desempenha as brincadeiras de forma mais prazerosa, já que as mesmas lhes serão apresentadas recobertas de significados.

Sendo assim, acredita-se que o brincar vai favorecer ao desenvolvimento das crianças em vários aspectos tais como: solução de problemas, criatividade e flexibilidade, entre outras coisas. Adquirindo habilidades para compreenderem o mundo que as cerca, ao mesmo tempo em que estarão recebendo conhecimento e participando ativamente da aquisição de informações pertinentes sobre os assuntos que serão selecionados, conforme se perceberá no capítulo seguinte.

2) CANTIGAS DE RODA: brincar e educar

No mundo escolar dos dias atuais, os brinquedos eletrônicos estão em ênfase, por oferecerem, em tese, menos riscos para os alunos. Contudo, é possível notar que a um só tempo a cultura vai sendo desvalorizada e substituída por essa cultura midiática.

O papel da escola é, também, ensinar a degustar as formas e os conteúdos que hoje podem parecer superados, mas que fazem parte das nossas raízes, ou pertencem ao patrimônio cultural da humanidade.

Pensando nisso é que esse estudo propõe a utilização das cantigas de roda na educação.

As cantigas de roda fazem parte da tradição cultural, sendo um tipo de brincadeira folclórica. Para um conhecimento mais especifico do assunto, faz-se necessárias noções de cultura e de folclore. Para Câmara Cascudo:

Entende-se que a cultura era um exercício da inteligência aplicado a um esforço pra finalidade determinada e única. Nunca o geral, o conjunto, a totalidade. Para fins primários de impressão poder-se-ia dizer que a cultura é o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível para convivência e ensino, de geração em geração (CASCUDO, 1983, p. 39).

Nota-se na definição de Cascudo, que a cultura é transmitida através dos tempos, sendo mantida nesse ato de herança de pai para filho. Acredita-se assim, que o trabalho com a catinga de roda, além de educar, leva a criança a recuperar toda uma cultura existente na infância de seus antepassados.

Willian John Thoms, no ano de 1846, para unificar as disciplinas com os mesmos assuntos que na época se processavam na Europa tendo varias denominações como, Tradições Populares, Antiguidades Populares, Literatura Popular.

As cantigas de roda além de favorecer a aprendizagem de todas as crianças e possibilitar experiências concretas, também ajudam na expressão, envolve no brincar, valoriza a afetividade durante a dança, as brincadeiras, a cultivar a sensibilidade, ajudam e oportunizam a criatividade e principalmente valoriza a prática da leitura e da escrita.

Vamos tentar aqui resgatar as velhas brincadeiras de infância cujas vantagens são imensas. Desenvolvimento da noção de espaço, da lateralidade, da coordenação motora, da interação com o grupo, e tantas outras habilidades que podem ser desenvolvidas. Devem perpetuar pelo ensino fundamental com brincadeiras adequadas à idade tentando diminuir o consumismo por brinquedos caros e solitários.

As cantigas e brincadeiras de roda nada mais são do que manifestações folclóricas onde as crianças se dão às mãos formando uma roda e cantam melodias que podem ou não ser acompanhadas de coreografia.

Antigamente, eram muito comuns no cotidiano infantil da criança brasileira. Hoje, no entanto, é uma manifestação que está sendo esquecida, pois as crianças estão mais interessadas em outros tipos de música e brincadeiras.

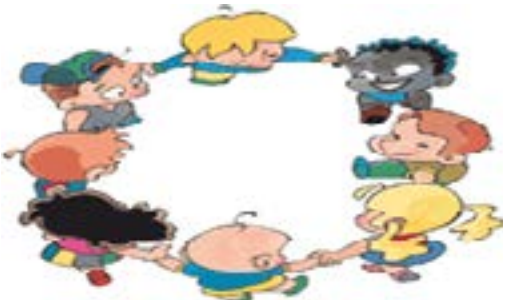
As cantigas de rodas, tanto brasileiras quanto estrangeiras, são basicamente folclóricas. Possuem letras, melodias e ritmos simples e lúdicos, envolvendo brincadeiras, danças e trava-línguas. As músicas utilizam, normalmente, um compasso binário.

Alguns acreditam que são originárias de modificações feitas em músicas de autores populares ou criadas anonimamente pelo povo. Por serem repassadas, de geração em geração, através do que se chama transmissão oral, é comum existirem diferenças regionais nas letras de algumas delas.

As brincadeiras de roda ajudam a sociabilizar e desinibir as crianças, uma vez que exigem o olhar frente a frente, o toque corporal, a exposição, pois em muitas delas cada um deve se apresentar no centro da roda. Auxiliam no desenvolvimento da expressão corporal, senso rítmico e organização coletiva. São também uns dos elementos importantes para a integração e o lazer infantil.

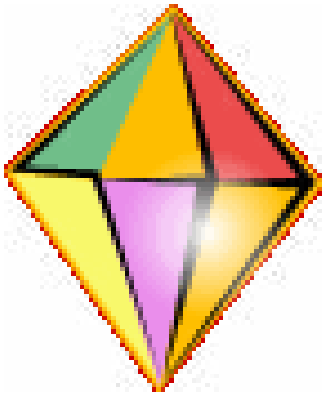
Uma das cantigas de roda mais co-

nhecidas e cantadas em todo o Brasil era a Ciranda, Cirandinha:



Ciranda, cirandinha. Vamos todos cirandar Vamos dar a meia volta Volta e meia vamos dar

O anel que tu me deste Era vidro e se quebrou O amor que tu me tinhas Era pouco e se acabou



Cai, cai balão cai, cai balão

aqui na minha mão.

Não cai não, não cai não não cai não,

cai na rua do sabão.

Cai, cai balão cai, cai balão

aqui na minha mão

não vou lá, não vou lá, não vou lá tenho medo de apanhar.

3) AS BRINCADEIRAS DE RODA

Embora as possibilidades lúdicas da parlenda sejam claras, o grande exemplo de brincadeira musical é, sem dúvida, as brincadeiras-de-roda. Presença marcante na literatura brasileira, alvo de pesquisas e trabalhos acadêmicos, no qual guarda inequívoca influência portuguesa, porém também apresenta traços de genuína brasilidade. Segundo Câmara Cascudo (1972, p. 32), essas brincadeiras

"dificilmente desaparecem e são das mais admiráveis constantes sociais, transmitidas oralmente, abandonadas em cada geração e reerguida pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimento e de canto".

As brincadeiras-de-roda já foram, sem dúvida, mais presente no cotidiano da criança do que é hoje, principalmente no meio urbano. No meio rural, ela ainda é observada com frequência. Algumas hipóteses se levantam a respeito deste declínio:

- o fim do espaço socializante da rua, o advento dos brinquedos eletrônicos;
- o isolamento da criança frente à TV;
- e até mesmo a "agenda" lotada que rouba à criança o tempo de brincar.

Alguma destas hipóteses é claro, não explicam especificamente o caos das brincadeiras-de-roda a não ser ajustarem a qualquer análise da evolução das brincadeiras nas últimas décadas. Porém, uma delas – o fim do espaço da rua parece, particularmente agudo no que diz respeito às brincadeiras-de-roda. Sendo assim, serão citadas algumas reflexões a este respeito.

Em primeiro lugar, este é um fato inegável. Não se tem mais, nas cidades, a segurança e a tranquilidade que permitiam às crianças se organizarem em grupos ("a turma da rua de cima", por exemplo) e fazerem da rua seu espaço de convivência e

brincadeira. Esse dado até explicaria o fato de que no meio rural, onde o espaço ainda existe, esse tipo de brincadeira ainda resista.

Isoladas em apartamentos ou presas atrás de grades de casa, com pouco ou nenhum irmão (a diminuição do número de filhos também não seria um fator, já que estas brincadeiras exigem um número maior de participantes), tendo apenas o espaço dos "play grounds" que, em geral, são abarrotados de brinquedos fixos que restringem ainda mais o espaço, as crianças urbanas quase não brincam de roda. Se perguntadas muitas não conseguem cantar nem mesmo uma cantiga, quanto mais saber a maneira de brincar.

Como explicar, então, a frequência da presença desta prática nas sugestões curriculares para a infância? Segundo Jurado Filho (1986, p. 67) chegou-se mesmo à institucionalização: "neste processo, a cantiga de roda, suspensa da sua situação cotidiana de lazer, torna-se abjeto de observação e aprendizagem em contexto escolar, especificamente pedagógico".

O que percebemos, é que ainda fazem muito sentido para as pessoas e crianças as cantigas e brincadeiras de roda. Há um resgate daquilo que já foi vivido em algum tempo e continua vivo em cada um de nós. O prazer de participar de uma brincadeira cultural roda de verso ou ciranda é muito intenso ainda hoje.

A resposta a esta questão seria necessária, em primeiro lugar, entender que "qualidades educativas" teriam as cantigas de roda para despertarem, assim, o interesse de educadores. Em um sensível artigo, onde cada parágrafo inicia com os versos de uma cantiga de roda, Abramovich (1985, p. 89) ressalta vários aspectos: o da identidade cultural ("vieram de tão antigamente, quanto às avós de nossas avós já faziam roda, davam as mãos e cantavam por horas estas cirandas tão belas, tão plenas de elementos importantes, significativos, belos"), o do amadurecimento emocional ("quanta declaração de amor, quanto ciuminho, quanta inveja passava na cabeça de todos"), o do conhecimento do corpo ("tantas outras aproximações corporais que uma ciranda proporciona") e, é claro, o da brincadeira propriamente dita ("usar todos os movimentos, brincando de modo gostoso, solto, fora da sala de aula... no mundo").

Sendo assim, as brincadeiras-de-roda, longe da preocupação de torná-la conteúdo pedagógico, o que ameaçaria seu caráter verdadeiramente lúdico, pode ser fundamental numa concepção de educação infantil que tenha no brincar um de seus eixos norteadores.

No entanto, é importante tomar cuidado com uma certa pedagogização da brincadeira. Segundo Kishimoto (1994, p.44), "os jogos tradicionais deixam de ter suas características básicas, a de veicular livremente a cultura infantil, ao priorizar os aspectos educativos quando utilizados pela escola". Nesse sentido, a instituição escolar e, principalmente, os educadores, devem agir com prudência, procurando sustentação teórica em autores que têm lidado com a questão da brincadeira com rigor, para poderem estabelecer os alcances e limites desta prática.

Tendo claro que não interessa transformar a brincadeira tradicional em instrumento didático, poder-se-ia valorizá-la no ambiente escolar por, pelo menos, duas

razões fundamentais: o resgate de identidade cultural da criança e o estabelecimento de relações físicas e sociais pouco disponíveis para a criança do meio urbano.

Desta forma, ressaltada a importância da manutenção desta prática, cabe à escola oferecer meios para que ela se perpetue. Se não há o espaço na rua que a escola ofereça o do pátio. Se a criança não tem tempo ou vive isolada, que a escola crie este tempo e propicie esta interação em seu programa. Se o repertório da criança é pequeno, cabe a escola a criar esta ampliação, envolvendo-as em projetos sobre as tradições familiares e da região. (Kishimoto, 1998, p. 69)

Estas manifestações culturais, as brincadeiras-de-roda e a parlenda, são por demais importantes para serem apenas reminiscências de outrora; é preciso que os educadores se mobilizem para que continuem sendo memória viva, manifestação da infância plena de significação e identidade cultural.

Em um artigo de sua autoria, Godinho (1996, p. 140) ao citar as Cantigas de roda, reflete:

Quem é esta que me estimula a sair deste mesmo colo e a buscar o mundo lá fora arriscando mais um rompimento, me oferecendo a chance de partilhar com os outros iguais a mim.

Segundo Câmara Cascudo (1988, p. 112), as Brincadeiras de roda referem-se a brincadeiras do folclore dançadas ou cantadas apresentando melodias e coreografias simples. Grande parte delas se apresentam com os participantes se colocando em roda e de mãos dadas, mas existem também variações, como os brinquedos-de-roda assentada, de fileira, de marcha, de palmas, de pegar, de esconder, incluindo também as chamadas para brinquedos e as cantigas para selecionar jogadores e as rodas infantis que também se apresentam. Porém com a força do cantar e ouvir, muitos destes cantos são tão nossos como se aqui nascidos. As canções têm melodias às vezes inusitadas em relação à brincadeira propriamente dita, pois a forma de cantar como se estivessem falando, é semelhante à parlenda. A brincadeira aqui esta voltada mais no sentido da ludicidade inerente à música, são canções divertidas, que estimulam a criação de imagens e símbolos.

Existem também as Canções de Ninar que era formado por acalantos e canções mais intimistas que giravam em torno de temas como sonho, sono, medo de escuro.

Outras canções são mais animadas, alegres, com poesias relacionadas aos momentos em que a criança está brincando.

Nesse sentido, pode-se afirmar que este trabalho oferece à criança oportunidades de usar sua identidade, ouvir recursos sonoros inusitados, assim, ampliar suas referências musicais.

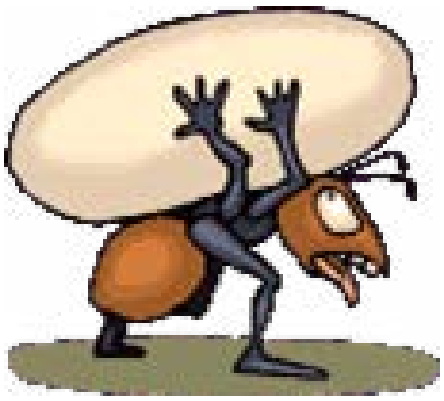
4) BRINCADEIRAS TRADICIONAIS MUSICAIS

A brincadeira ou o jogo tradicional é um dos tipos, como já se viu, de brincadeira relacionada ao folclore, isto é, está filiada ao campo da cultura popular. Tem como características principais e transmissão oral e o anonimato da história.

Passando de geração em geração, vai sofrendo variações e incorporações, o que não retira nenhum valor; pelo contrário, isto só reforça o caráter dinâmico da

cultura.

O campo da brincadeira tradicional é vasto, como se pode detectar na rica obra de Veríssimo de Melo intitulada “Folclore Infantil”, 1985. Entretanto, neste trabalho da análise das brincadeiras mais diretamente relacionadas com a música que, para efeito de sistematização, é chamada de “Cantigas e Brincadeiras de roda”.



Fui ao mercado comprar café e a formiguinha subiu no meu pé

eu sacudi, sacudi, sacudi

mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar batata roxa e a formiguinha subiu na minha coxa eu sacudi, sacudi, sacudi

mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar limão

e a formiguinha subiu na minha mão eu sacudi, sacudi, sacudi

mas a formiguinha não parava de subir

Fui ao mercado comprar jerimum

e a formiguinha subiu no meu bumbum eu sacudi, sacudi, sacudi

mas a formiguinha não parava de subir

Este é apenas um exemplo das cantigas e brincadeiras musicais. A seguir serão destacados também, dois tipos de brincadeiras tradicionais: a parlenda e o brinquedo de roda, tendo estas brincadeiras um imenso repertório, que se encontram enraizadas em todas as regiões do país, o que denota sua relevância social.

Brincando de roda, a criança exercita o raciocínio, a memória e estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos ao ritmo das danças ingênuas. As artes da poesia, da música e da dança uniram-se nos brinquedos de rodas infantis, realizando a síntese magnífica de elementos imprescindíveis à educação escolar (MELO, 1985. p.165).

O movimento é um fator que envolve todas as brincadeiras de roda e faz com que a criança sinta-se estimulada a participar dançando e experimentando juntos aos outros de forma que naturalmente absorve a aprendizagem ainda sem significado nesse momento.

Todo o tipo de arte e cultura favorece no desenvolvimento das atividades escolares, pois constam de um caráter contextual totalmente contrário as atividades formais desenvolvidas nas escolas.

Claro que estas atividades formais também podem se tornar mais ricas e prazerosas se utilizarem às poesias e letras de músicas ao invés de textos sem sentido e distantes da realidade.

As cantigas de roda estão ingenuamente cobertas de ensinamentos fundamentais ao desenvolvimento infantil. Considerando a presença imposta dos movimentos, aliviam e mascaram saudavel-

mente toda a linguagem e contexto histórico nas quais estão envolvidos.

Nesta citação, fica claro o quanto rico é trabalhar as cantigas de roda no contexto educacional, brincando com seus variados elementos em letras simples e fáceis, mas de uma complexidade de significados, como podemos perceber no trecho a seguir:

Palma, palma, palma Pé, pé, pé

Roda, roda, roda Caranguejo peixe é.

Esta cantiga pode ser trabalhada na escola objetivando principalmente o movimento que segundo a teoria de Henri Wallon, é um dos quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo. Esta teoria diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro.

Sendo assim, considera-se o movimento como essencial nas atividades escolares, no que certamente favorecerá no desenvolvimento social, na eliminação de inibições e timidez.

Aprender através do movimento torna-se mais satisfatório, mais dinâmico e espontâneo, despertando a criatividade de forma a ser expressa naturalmente, uma vez que todos estão inseridos na mesma brincadeira.

Pode-se fazer uma roda com todas as crianças, fazendo com que estas acompanhem oralmente ao mesmo tempo em que batem palmas e pés em sintonia com a música.

Observa-se que é uma cantiga bem antiga, mas que permanece viva no mundo infantil e na lembrança de muitos adultos que se arriscam na empolgação de cantarolar para seus filhos.

Numa outra cantiga:

Terezinha de Jesus

Deu uma queda e foi ao chão; Acudiu três cavalheiros, Todos três chapéus na mão.

O primeiro foi seu pai, O segundo seu irmão, O terceiro foi aquele

Que a Tereza deu a mão. Da laranja quero um bago, Do limão quer um pedaço, Da morena mais bonita

Quero um beijo e um abraço. (domínio popular).

Nesta canção podem-se trabalhar números e tema como a família. Tem também a possibilidade de trabalhar localização, assim como a ordem dos personagens solicitada pela letra.

Ainda é possível uma rica aula sobre as frutas, além de trabalhar a afetividade. Segundo as ideias do teórico Pestalozzi, “o amor deflagra o processo de autoeducação” (Nova Escola).

A afetividade tanto nas relações professor – aluno quanto entre os alunos é fundamental, para que haja melhor entrosamento e entendimento entre as partes para o desenvolvimento das atividades.

Há uma diversidade de cantigas, as amorosas, satíricas, imitativas, religiosas e dramáticas que necessitam apenas de uma dosagem de criatividade do professor para serem utilizadas de forma pedagogicamente eficientes.

Acredita-se relevante o resgate dessas cantigas como o âmbito educacional, pois as crianças necessitam conhecer novas formas de aprendizagem, precisam saber que o lúdico não constitui apenas uma brincadeira, que através da brincadeira, pode-se compreender e questionar.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi de muita importância, pois para realizá-lo tive que buscar em diferentes obras, informações sobre brincadeiras, brinquedos e músicas, atualizando o meu conhecimento sobre o tema, agregando aos conhecimentos já adquiridos.

Percebi que as brincadeiras infantis inicialmente eram variadas e adaptavam-se de acordo com os acontecimentos da época, desde que surgiu, utilizaram nas obras publicadas crianças como personagens centrais em diferentes situações.

Acredito que as brincadeiras são importantíssimas para o desenvolvimento da criança, pois desenvolvem a criatividade, a imaginação e podem ser trabalhadas em qualquer etapa da vida da criança. As brincadeiras podem ser trabalhadas desde cedo com as crianças, pois elevam seu potencial cognitivo a desenvolver mais rápido o aprendizado escolar.

Usar esses métodos como recurso lúdico é muito prazeroso, pois facilita o entendimento de conceitos, valores e conhecimento através da música e brincadeiras.

A troca de idéias, a tomada de posição e a argumentação ajudam na construção do conhecimento, além disso, esses momentos são ricos para que os educandos coloquem em prática algumas regras básicas de convivência- como ouvir com atenção, esperar a hora de falar, entre outras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Quem educa quem? São Paulo: Sumu. Editorial, 1985, 5ª edição.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. Aprender e Ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed,1999.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1972.

CASCUDO, Luis da Câmara. Civilização e Cultura. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1983.

FONTANA, Roseli A. C, CRUZ, Maria Nazaré. Psicologia e trabalho pedagógico.

São Paulo: Saraiva, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODINHO, Márcia - A Música de Uma Vida Inteira. In Boletim da SBGG-RJ - n.12. Rio de Janeiro, RJ 1996.

HOLT, J. Como aprendem as crianças. São Paulo , 1991.

JURADO FILHO, Lourenço C. Cantigas de roda: jogo, insinuação e escolha.

Campinas: Editora UNICAMP, 1986.